



A alegria da gestação: O entusiasmo que nos falta, ou a depressão que nos devora?

António J Macedo

Cardiologista Pediátrico

Duas células humanas encontram-se: trazem em si toda a potencialidade para desenvolverem o projecto com que sempre sonharam: criar vida.

Não perdem tempo com grandes cumprimentos, e apressadamente deitam mãos à obra. Minutos depois são já 4, 8, 16, 32, centenas, milhares, milhões... de micro seres que se organizam e diferenciam em tarefas bem definidas.

É de dia, é de noite, sábados, domingos, feriados, este trabalho não pára. Produção em natureza, rapidamente aparecem resultados. Às 10 semanas está formada uma criança, um coração estruturado que bate apressado, distribuindo a vida que lhe vem da mãe.

Só lhe falta crescer em estatura e inteligência.

Há uma energia incalculável neste processo criativo, há uma organização que mete inveja a qualquer fábrica moderna.

Mas há sobretudo uma alegria muito grande, um enorme entusiasmo em crescer, uma pressa louca de chegar. A criança, desde embrião, vestiu a camisola da vida, entregou-se de corpo e alma à sua causa imediata: viver.

É assim tão difícil pressentir?

É, quando a ilógica abafa a razão, e o desespero leva o bebé para longe.

É, quando nos escondemos, nos tapamos, nos fazemos ausentes.

A Natureza, tenta, a todo o custo, mostrar, em cada rebento que cresce, em cada erva que nasce na calçada, que vale a pena viver, apesar das avalanches indiferentes à saída do Metro.

A sociedade, neuroticamente, quer dormir, ficar em casa.

Envelheceu precocemente, já não consegue produzir, perdeu a alegria, perdeu o entusiasmo. A fuga, a corrupção, a depressão reinam. Nem a camisola do clube do bairro é vestida mais.

A globalização não gerou partilha, pelo contrário, todos ficámos estranhos, a poluição e o aquecimento global, derretem a

delicadeza e a sensibilidade.

Os casais teimam em ter um só filho, no engano da felicidade que definha de geração em geração.

Organizações de solidariedade, surgem timidamente, mas os blogs e os panfletos que ninguém lê, nada conseguem mudar.

Não se olha para o outro; cada um concentra-se no seu monitor, na TV, no PC. Quase ninguém vê a grande novidade que se esconde no silêncio, no íntimo de cada um, dentro de cada mãe, dentro de cada pai. Quase ninguém copia ou pratica o modelo de felicidade que está dentro de si mesmo.

Ninguém se quer organizar inteligentemente, recuperar valores perdidos, como a alegria e a camaradagem.

Só as organizações e os conluios partidários conseguem vingar.

Vendem-se, consomem-se toneladas de produtos inúteis e actos médicos, mas essa saúde não faz ninguém feliz.

No Natal não se nasce mais.

...

No cimo da rua, cheia de embrulhos cintilantes até à meia-noite, um bebé vagueia descalço, de olhos espantados; não lhe taparam a boca com fita-cola, não lhe filmaram o enforcamento, nem sequer lhe reconheceram identidade.

Simplesmente pegaram-lhe pelos pés e lançaram-no de um balde para o esgoto.

Nem a morte achou graça...

Nem o sol se aqueceu nesse gesto.

...

Alguém bebeu uma imperial antes de regressar a casa.

Nessa noite, as camas voltaram a gemer, os autoclismos verteram sangue.

Pateticamente a vida recomeçou, aqui e ali, para durar meia dúzia de semanas.

Recebido: 10.12.2007

Aceite: 02.01.2008

Correspondência:

António J Macedo
antonio.macedo@netcabo.pt